


Mal-estar de professores: revisão sistemática na psicanálise (1998 – 2018)

Cristiana Carneiro 

Bety Ribeiro Corrêa 

Julia Vital Theles 

Larissa Costa Scherer 

Livia Silva Teixeira 

Luana Silva Miceli 

Paula Porto Barbosa 

Roberta Duarte dos Santos 

Sara Vieira do Nascimento 

Thaysa Silva dos Santos 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Yara Porto de Paula Lima 

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.

Resumo

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de revisão sistemática realizada pelo Núcleo de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Teve como objetivo mapear a produção acadêmica sobre mal-estar de professores na psicanálise durante os últimos 20 anos, no cenário brasileiro, a fim de compreender como a área tem construído o conhecimento em sua articulação com a educação. Dividiu-se metodologicamente em dois momentos distintos, um que visou compreender a panorâmica desta produção e outro especificamente voltado para uma análise das formas como a abordagem do mal-estar tem sido construída pelo campo. Foram utilizadas, prioritariamente, como fontes documentais, livros, teses, dissertações e artigos acadêmicos.

Palavras-chave: Mal-estar; Professores; Psicanálise.

Abstract

Discontent of teachers: systematic review in psychoanalysis (1998-2018)

The article presents the results of a systematic review research carried out by the Research and Exchange Center for Contemporary Childhood and Adolescence at the Federal University of Rio de Janeiro. It aimed to structure the academic production on the uneasiness of teachers in psychoanalysis

during the last twenty years, in the Brazilian scenario, in order to understand how the area has built knowledge in its articulation with education. It was divided methodologically into two distinct moments, one that aimed to understand the panorama of this production and the other specifically aimed at an analysis of the ways in which the approach to malaise has been constructed by the countryside. They were used primarily as documentary sources, books, theses, dissertations and academic articles.

Keywords: Uneasiness; Teachers; Psychoanalysis.

Resumen

Malestar de los maestros: revisión sistemática en psicoanálisis (1998-2018)

El artículo presenta los resultados de una investigación de revisión sistemática realizada por el Centro de Investigación e Intercambio para la Niñez y Adolescencia Contemporánea de la Universidad Federal de Río de Janeiro. Su objetivo era mapear la producción académica sobre el malestar docente en el psicoanálisis durante los últimos veinte años, en el escenario brasileño, con el fin de comprender cómo el área ha construido conocimiento en su articulación con la educación. Se dividió metodológicamente en dos momentos distintos, uno destinado a comprender el panorama de esta producción y el otro específicamente a un análisis de las formas en que el campo ha construido el enfoque del malestar. Se utilizaron principalmente como fuentes documentales, libros, tesis, disertaciones y artículos académicos.

Palabras clave: Malestar; Maestros; Psicoanálisis.

Introdução

O interesse na revisão sistemática, também chamada de estado da arte, surgiu a partir de uma pesquisa e extensão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada ao Núcleo de Infância, Adolescência e Juventude (NIAJ). Desenvolvida com professores, intitulada Formação de professores: infância, adolescência e mal-estar na escolarização, pretendeu trabalhar com o mal-estar de educadores através de oficinas de palavra e escuta, a fim de propiciar um espaço elaborativo para suas inquietações. Além de entrar em contato com o sofrimento e a vulnerabilidade de educadores de crianças e adolescentes no seu fazer cotidiano, o grupo reuniu esforços para, paralelamente à intervenção, realizar uma pesquisa de estado da arte. Compreender o campo mais amplo, dispender esforços para reunir dados múltiplos, visou contribuir para uma reflexão sobre o que temos produzido no cenário brasileiro na temática, enaltecendo a importância de clarificar e divulgar entre os pares nossa produção nacional. Nesta trajetória, o grupo se deparou com uma riqueza de trabalhos e pôde visualizar que muitas práticas têm sido desenvolvidas no sentido de intervir e pesquisar o mal-estar docente.

No campo da psicanálise, os usos e definições do termo mal-estar apresentam diferenças. Embora mal-estar seja termo central na teoria psicanalítica para pensar

o entrecruzamento entre o singular e o coletivo, não se configura como um conceito da metapsicologia freudiana, fazendo com que formas de compreensão e trabalho na área sejam múltiplas. Esta multiplicidade enriquece o debate, porém se faz necessário compreender melhor as formas como a psicanálise e educação têm se apropriado e construído o terreno. A pesquisa explorou a produção dos últimos 20 anos e foi dividida em dois momentos distintos, um mais quantitativo que visou compreender a panorâmica desta produção e outro especificamente voltado para uma análise das formas como o termo mal-estar tem sido apropriado pelo campo. Em ambas as partes foram criados eixos analíticos que redundaram na produção de duas fichas, a fim de organizar objetivamente o resultado da busca. A primeira ficha localizava a obra com um brevíssimo resumo de seu conteúdo, fornecendo as bases de dados onde tinha sido encontrada, indicando também as palavras-chave de busca. A segunda ficha foi subdividida em quatro eixos analíticos: definição de mal-estar, recorte teórico, metodologias referenciadas nos trabalhos e resultados. Todos os eixos deveriam ser analisados em cada obra pesquisada, com trechos *ipsis litteris* que subsidiassem a análise.

Metodologia

O “Estado da Arte” é uma pesquisa desenvolvida com o interesse de familiarizar o pesquisador acerca do que está sendo produzido no meio científico, possibilitando identificar assim, quais aspectos ainda não foram pesquisados e mapear os cenários de produção de conhecimento (FERREIRA, 2002). Há também interesse direcionado a pensar a noção de redes através da utilização das palavras-chave, como as combinações se dão e também seus entrecruzamentos.

A utilização de palavras-chave se constitui, então, como a principal ferramenta de buscas, no entanto, é importante salientar que nem sempre ela será totalmente fidedigna ao campo, no sentido de sua completa abrangência. Em nosso caso citamos como exemplo o capítulo de livro *A angústia na escola: do suposto fracasso ao reconhecimento do desejo* (LESSA, 2009). Apesar de o texto abordar o mal-estar de educadores, por ser livro não disponível *online*, e por não ter no título da capa do livro físico o tema do mal-estar, não apareceu nas buscas. Esse caso indica que outros trabalhos podem não ter sido incluídos neste levantamento por estas mesmas razões. Neste sentido, o presente trabalho não visou esgotar os materiais de forma absoluta, mas pretendeu elencar as principais produções na área, indicando tendências e mapeando de forma abrangente os materiais disponíveis, sobretudo *online*. Ao total o levantamento mapeou cento e

38 materiais. Para a realização do levantamento foi definido um período de produção acadêmica que compreendeu o ano de 1998 até 2018. Foram catalogados os seguintes tipos de materiais: artigos, teses, dissertações e livros. As plataformas utilizadas foram: Banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), PubMed, LILACS, PEPSIC, Google acadêmico e o Google books. De forma aproximada, esta pesquisa durou um ano e cinco meses, contando com uma equipe de pesquisadores que flutuou de 10 a 14 participantes. A equipe foi composta por uma coordenadora, estudantes de graduação em Pedagogia e Psicologia e de pós-graduação do Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Também contou com uma psicanalista voluntária e duas professoras do Ensino Superior. No primeiro período de seis meses os participantes realizaram a primeira etapa dessa revisão sistemática, buscando uma certa quantificação da produção. Ao longo da primeira etapa dessa pesquisa, cada participante encontrou especificidades inerentes à ferramenta e ao período de busca pelo qual ficou responsável. No período de 1998 a 2013, a produção encontrada é menor que a dos anos posteriores. Nossa hipótese é que neste período seja mais complexo encontrar devido à falta de disponibilidade dos materiais pesquisados no formato *online*. Alguns desses materiais foram apenas referidos pela CAPES e o texto integral era encontrado somente disponível na instituição de origem. Após a criação da plataforma Sucupira, as dissertações e teses passaram a ser encontradas na íntegra em mais de uma plataforma, indicando uma facilitação para o acesso das produções. Em uma segunda divisão, os pesquisadores se distribuíram naqueles que buscariam a temática nos primeiros 10 anos, ou seja, de 1998 a 2008 e os que buscariam nos últimos 10 anos, que correspondiam aos anos de 2009 a 2018. Já a busca de teses e dissertações se dividiu em períodos de cinco anos, por se tratar de material mais extenso. Tal recorte temporal visou evitar que a mesma obra fosse duplamente registrada. Outro aspecto importante para a confiabilidade dos resultados foi a exclusão de trabalhos que, embora se referissem ao mal-estar, não correspondiam à articulação entre psicanálise e educação de forma mais estrita.

Análise e discussão dos resultados

O total de materiais encontrados no período de 1998-2018 foi, como já dito, de 138, sendo agrupados em: 56 artigos, 54 dissertações, 12 teses e 16 livros conforme nos apresenta o Quadro.

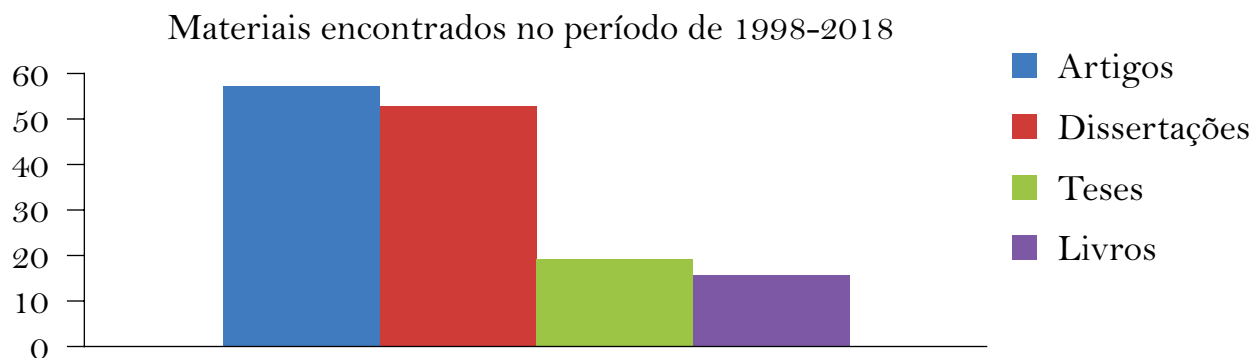
Quadro – Distribuição dos materiais correspondentes ao período de 1998 a 2018.

56 Artigos no período de 1998–2018			
PALAVRA-CHAVE DE BUSCA	PLATAFORMA	ARTIGOS	
mal-estar; professores; mal-estar; psicanálise; docente; psicologia; sofrimento psíquico; saúde	SciELO	22	
angústia, professor, psicanálise; mal-estar; docente pedagogia; aprendizagem; sofrimento psíquico; mal-estar; educação	LILACS	10	
angústia, professores; mal-estar; docente; psicanálise	PEPSIC	24	
54 Dissertações e 3 Teses no período de 1998–2018			
PALAVRA-CHAVE DE BUSCA	PLATAFORMA	DISSERTAÇÕES	TESES
mal-estar; professor; psicanálise; educação; informática; professoras docentes; loucura; educação; vulnerabilidade; autismo	CAPES	46	12
mal-estar; professor; psicanálise; educação	BDTD	8	0
16 Livros no período de 1998–2018			
PALAVRA-CHAVE DE BUSCA	PLATAFORMA	LIVROS	
mal-estar; docente; sofrimento psíquico; professores; psicanálise; educação; subjetividade; professor	Google	16	

Fonte: Elaboração dos autores (2019).

Podemos notar que as palavras-chave tiveram diferentes combinatórias, no entanto professor, mal-estar e psicanálise aparecem em todas as categorias de materiais. O fato de a temática mal-estar de professores ser bastante multidisciplinar, faz com que a palavra-chave psicanálise seja uma estratégia restritiva importante para aprimoramento da busca.

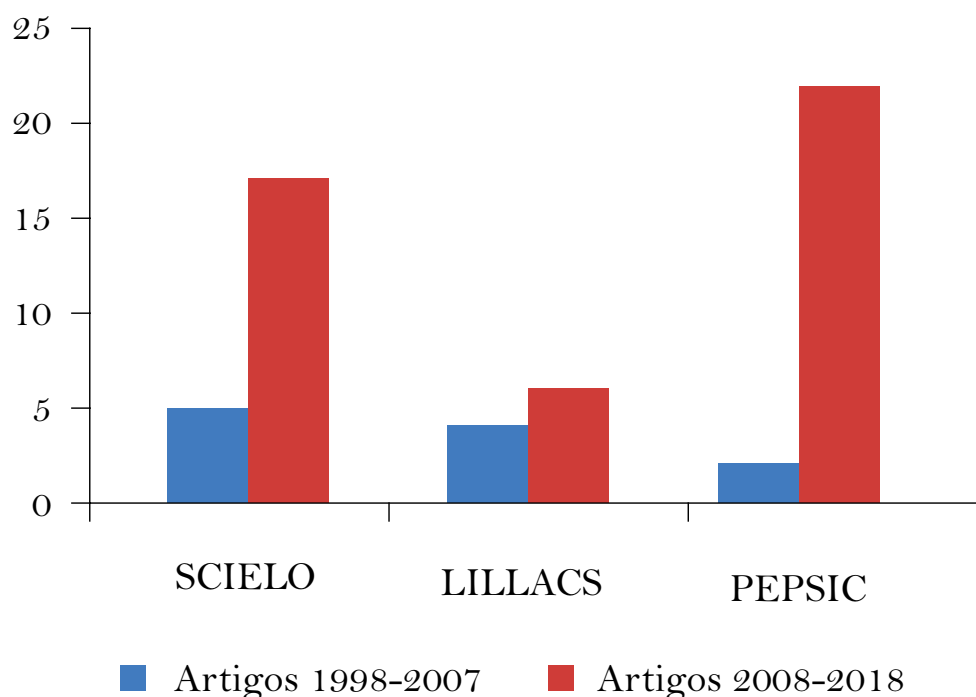
Gráfico 1 – Distribuição dos materiais encontrados no período de 1998-2018.



Fonte: Elaboração dos autores (2019).

Analisando o quantitativo da produção acadêmica (1998 até 2018), conforme nos apresenta o Gráfico 1, constatamos que existe uma interessante produção na área, visto que não foi um tema estudado nas origens da psicanálise. Isto quer dizer que a psicanálise, teoria predominantemente clínica, centrada nos seus primórdios, sobretudo na terapêutica individual, tem de forma crescente pensado no contexto mais ampliado, em articulação com a educação no Brasil. A proximidade quantitativa de artigos e dissertações pode sugerir que os artigos, muitas vezes, sejam frutos dessas pesquisas. Em relação às plataformas e aos periódicos nelas indexados, conforme Gráfico 2, como podemos notar em relação aos artigos, a plataforma PEPSIC é a que mais concentrou trabalhos ao total, tendo predominado nos 10 últimos anos em contrapartida à plataforma SciELO. Isto pode nos indicar a importância crescente em abrangência da plataforma PEPSIC como meio de divulgação para a temática.

Gráfico 2 – Plataformas nas décadas 1998-2007 e 2008-2018 (Artigos).



Fonte: Elaboração dos autores (2019).

Como podemos notar acima, SciELO, LILACS e PEPSIC são as plataformas principais de divulgação dos artigos acadêmicos na área. E, nas teses e dissertações, como já referido, a plataforma CAPES é a principal forma de acesso ao conhecimento produzido.

Ampliando o olhar sobre a produção

A partir do final de junho de 2018 iniciamos a segunda etapa do estado da arte sobre o mal-estar dos professores que teve como objeto não apenas o resumo das obras, mas o texto integral, ressaltando o caso das teses e dissertações nas quais a leitura foi dirigida pelo recorte específico dos eixos de análise. A leitura integral dos artigos se fez a partir dos trabalhos disponíveis online, portanto da quase maioria dos artigos dos 15 últimos anos e seis livros integrais dos 16 mapeados. Desta forma, não foram lidos todos os materiais computados no levantamento inicial, mas a maior parte deles. Nesse segundo momento construímos quatro eixos analíticos: definição de mal-estar, recorte teórico, metodologias referenciadas nos trabalhos e resultados – entendendo por isto a indicação de possíveis propostas de enfrentamento – a fim de compreender de forma mais aprofundada a produção na área. Buscamos com isto mapear as principais referências teóricas das pesquisas, a definição de mal-estar do professor na relação com suas possíveis causas e como os trabalhos construíam sua argumentação, observando se havia experiência de campo ou não.

Definições de mal-estar

O termo mal-estar na psicanálise não se constitui em um conceito metapsicológico propriamente dito, isto quer dizer que Freud não construiu um arcabouço teórico basilar para o chamado mal-estar, como o fez para o sintoma e a angústia, por exemplo. No entanto, destina mais ao final da sua obra um longo texto para a sua discussão, o que indica uma importância da temática em suas reflexões. Este texto, *Mal-estar na civilização* (FREUD, 1996), faz parte de um conjunto de textos chamados culturais na obra freudiana, justamente porque vão pensar de forma mais específica a intercessão entre o individual e o coletivo. Essa herança, que matiza as discussões entre mal-estar e cultura na psicanálise, aparece em todos os materiais pesquisados, ou seja, Freud (1996) é referido em todos os textos. O ponto central desta obra freudiana, apontado nos trabalhos pesquisados, foi o aspecto da tensão esperada, e nunca ultrapassada cabalmente, entre o interesse individual e o coletivo. Palavras recorrentes foram: intrínseco, estrutural, inerente, apontando o mal-estar como um aspecto do qual se parte em psicanálise. Além do mal-estar relacionado ao que o pai da psicanálise apresenta como “inerente à cultura e à educação”, ele aparece articulado às missões impossíveis: governar, educar, analisar (FREUD, 1969). Em relação à articulação destes dois textos freudianos, podemos citar o trabalho de Voltolini (2011, p. 12) que, ao apontar para o reconhecimento da presença do inconsciente entre educador e

educando, introduz a ideia de “um controle *impossível* sobre qualquer cartilha de bons procedimentos educacionais, pondo em xeque a ficção do *contrato* entre eles na direção de melhores resultados”. Para esse autor, o mal-estar na educação estaria predominantemente relacionado à precariedade inevitável do ato educativo, a ignorância do adulto em relação à criança e ao campo amoroso presente na relação professor-aluno. Ressonante à ideia do impossível, na articulação entre mal-estar e ação educativa, os autores no geral ressaltaram, cada um à sua maneira, que a profissão docente se caracterizaria por uma espécie de não ser ou de uma falta-a-ser que tem relação direta com a incompletude. Desta forma, o professor lidaria com uma prática marcada pela ruptura. A este respeito, Pereira (2003, p. 150) destaca que “sabemos que esse profissional, mesmo se assegurando das mais excelentes técnicas e de um conjunto incontestável de competências defronta-se com o insucesso e o fracasso, seja do aluno, seja da instituição que o acolhe, seja do sistema educacional”.

Dos autores pós-freudianos Lacan foi referência em alguns trabalhos. Aqui aparece uma diferença, Freud é trazido através de seu texto *Mal-estar na civilização*, ou seja, ainda que outros textos freudianos sejam apresentados, o texto guia, que subsidia a escrita é o de 1930. Já em Lacan não há um texto único, ou seja, não há um texto seminal que norteia os trabalhos, aparecendo predominantemente o Seminário 10 (A Angústia), e o Seminário 17 (O Avesso da Psicanálise). Para além do fundador da psicanálise e de Lacan, dois autores contemporâneos brasileiros são bastante referidos, Joel Birman e Marcelo Ricardo Pereira. O primeiro mais amplamente usado, já que aborda a cultura de forma mais geral, o segundo mais especificamente no campo da psicanálise educação. O autor contemporâneo estrangeiro mais referido após Freud foi José Manoel Esteve Zarazaga¹, pedagogo espanhol já falecido, que publicou muito sobre o professor. Em termos absolutos, Freud e Esteve foram, respectivamente, o primeiro e o segundo autores estrangeiros mais referidos. O fato de Esteve não ser do campo da psicanálise pode indicar o quanto a temática é interdisciplinar. No Brasil os autores mais citados foram, especificamente, Birman e Pereira.

A obra mais referida de Esteve (1999) foi *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Nela, o autor define mal-estar como um conceito da literatura pedagógica

¹ Aqui constatamos um dado curioso. Este autor aparece referenciado nos trabalhos com quatro nomes diferentes: Esteve, Esteves, Zarazaga e Zaragoza. Pelo ano dos trabalhos e títulos vimos que se tratava do mesmo autor.

que pretende resumir o conjunto de reações dos professores como grupo profissional desajustado, descrevendo os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência, devido à mudança social acelerada (p. 97).

Na dissertação *Contribuições da psicanálise a uma leitura do mal-estar docente na rede municipal de ensino de Olinda* (FONSÊCA, 2009), encontramos referência a outra obra de Esteve: *Mudanças sociais e função docente*, também de 1999. No mesmo viés de uma crítica à cultura contemporânea, Birman (2001), em *Mal-estar na atualidade*, ao abordar a questão, diz que se pode compreender que o mal-estar, inerente ao humano, é na atualidade intensificado em virtude da oferta de prazeres. A gama de ofertas e a sua promessa de felicidade geram mais mal-estar, pois os prazeres nem sempre poderão ser experimentados por todos e a satisfação é sempre menor e mais breve que o esperado (p. 18). Nesta ótica que pretende pensar as condições da cultura e sobretudo do trabalho, encontramos a dissertação *Subjetividade e manifestações corporais: o caso da professora universitária* (ZACHARIAS, 2002), que traz o recorte do mal-estar docente estabelecendo a relação entre as manifestações no corpo-sintoma da mulher e as condições atuais de trabalho em professoras da Universidade Católica de Goiás. Já a tese *Trabalho docente e saúde mental: a dor a delícia de ser (tornar-se) professora* (NEVES, 1999) discute não só o sofrimento provocado por situações de trabalho patógenas, mas também compreende os movimentos que as professoras fazem para suportar e até sentir prazer no trabalho. Num esforço de síntese das inúmeras obras pesquisadas, podemos dizer que duas grandes abordagens inter-relacionadas, porém não idênticas, prevalecem na definição do mal-estar de professores. Aquela que se dirige prioritariamente às condições mais amplas da cultura (sociedade de consumo, promessa de felicidade, cultura do sucesso, lógica da completude) e aquela que se dirige mais especificamente ao fazer docente (condições laborativas, transferência na relação professor/aluno, impasses com a transmissão, violência na sala de aula).

Recortes sobre o mal-estar nas pesquisas em psicanálise e educação

Tentar compreender a panorâmica dos trabalhos referentes ao mal-estar de educadores na psicanálise é também questionar a quais assuntos o mal-estar aparecia articulado. Para tanto foram construídas 24 grandes categorias, sempre relacionadas às temáticas referidas nos estudos. Exemplificando algumas delas: sexualidade e gê-

nero; panorama saúde e doença; ideal de bons professores e ideais de alunos; mal-estar do professor universitário; educação integral/integrada; mal-estar na educação especial/inclusão; violência escolar; identificação de fatores de mal-estar (docente, na escola, na cultura organizacional...); relações saúde-trabalho; autoridade; síndrome de *burnout*; gestão, educação tecnológica e profissional; vínculo educativo; adolescência; drogas; formação. As duas categorias que apareceram mais vezes articuladas ao campo do mal-estar de professores, na psicanálise foram: o mal-estar referido à inclusão e/ou à educação especial e a questão da violência. Cada uma dessas temáticas foi apresentada como tema central em pelo menos 10 trabalhos. As obras que abordam a temática do mal-estar docente relativa à categoria “Mal-estar na educação especial/inclusão” trazem dois apontamentos bem distintos. O primeiro aponta a questão do mal-estar relativa ao sentimento de despreparo diante desse aluno com suas necessidades, somado às inúmeras demandas dirigidas aos professores. O mal-estar nesses casos envolveria tanto o aluno “especial” e seu processo pedagógico quanto a responsabilidade do professor em manter a relação do especial com outros alunos. A temática do despreparo se relaciona ao lugar do professor como aquele que faz a intermediação entre o sujeito e o saber. Nesses casos, com uma certa frequência, a formação do professor é questionada, no sentido de a pensar como insuficiente ou com falhas. O sentimento de despreparo muitas vezes se articula ao desamparo e pode ser lido na dissertação *Em busca da carta roubada: alguns aspectos relacionados ao mal-estar docente* (DAVID, 2010). Nela, o não saber lidar com aquele que não corresponde ao esperado causa uma certa angústia e solidão no professor. Outro trabalho, *Loucos pela escola. O discurso do analista e a invenção de uma escola em movimento* (ALMEIDA, 2009), aborda o despreparo relacionado ao campo das políticas que legislam em torno do acesso e da garantia das pessoas com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais e o modo como a inclusão acontece. A proposta interroga o discurso que despotencializa o outro diante do saber, ofertando ao aluno especial um lugar de ser cuidado como objeto que culmina em o situar alheio em seu próprio saber. Ainda dentro da temática que aborda o mal-estar docente perante os alunos “especiais” nos deparamos com a dissertação *A inclusão escolar da criança autista: o aluno sujeito* (PUCOVSKI, 2013), que se dedicou a pensar, através da interlocução entre psicanálise-educação, a relação entre o professor e o aluno autista em processo de inclusão em turma regular. Esta produção se dedicou às falas dos professores e o modo como eles simbolizaram a inclusão do aluno autista frente aos impasses da escolarização.

Além do mal-estar referido à inclusão, como já citado, a violência foi a segunda temática mais apresentada como causa de mal-estar nos materiais estudados. Neste panorama, podemos observar que a literatura situa a violência como um fenômeno de grande complexidade, sendo conceituado de diversas maneiras e a partir de distintas perspectivas. Nas pesquisas *A violência na escola como um sintoma do mal-estar juvenil e institucional na pós-modernidade: a voz do(c)ente* (EVANGELISTA, 2012), *Violência na escola: relatos de professores em grupos clínicos de análise das práticas profissionais* (PAULO, 2013) e *Contribuições da psicanálise e da educação em direitos humanos para o enfrentamento do bullying escolar* (ANDRADE, 2015) podemos ler que a violência envolve atores múltiplos e que os trabalhos podem priorizar um, ou mais fatores combinados. Violência entre alunos, violência de aluno para professor, violência de agentes externos contra a escola ou seus membros, violência de professor para aluno, todas as modalidades concorrendo para pensar nas formas relacionais da violência. Os trabalhos que se dedicaram a pensar os atos de violência têm como protagonistas integrantes da escola, isto é, alunos, professores, diretores, funcionários da instituição escolar. Nesta conjuntura, destacam-se as produções que tratam, especificamente, do *bullying* como algo também pertencente ao âmbito da violência escolar, porém, que levam em consideração as especificidades do fenômeno como comportamentos de intimidação, humilhação e violência psicológica. Para além da educação especial e violência, há um grupo de pesquisas que se dedicam a pensar mais especificamente a saúde do professor. Alguns trabalhos se debruçaram na discussão do conceito de saúde e doença, outros na manifestação somática do mal-estar. É possível observar também que em algumas dessas obras a metodologia consistiu em verificar, através dos laudos médicos, como e quantos professores precisaram ser afastados de suas atividades laborais. Dentre estes trabalhos destacamos as dissertações *Manifestações do mal-estar docente na vida de professoras do ensino fundamental: um estudo de caso* (NOAL, 2003) e *Subjetividade e manifestações corporais: o caso da professora universitária* (ZACHARIAS, 2002). Um outro grupo de trabalhos discutiu o mal-estar ainda de outra forma, a partir do adoecimento psíquico de professores, através da clínica psicanalítica. Isto é, professores que buscaram atendimento psicológico derivado de adoecimento gerado pelo seu exercício em sala de aula. Nesta perspectiva, foi encontrada a dissertação *Subjetividade e docência: uma abordagem psicanalítica do mal-estar docente* (PEPE, 2011). Embora os contextos que discutam a questão do mal-estar docente tenham sido apresentados em categorias distintas, é possível

inferir que a produção brasileira sobre mal-estar de professores, articulando psicanálise e educação, trata principalmente – mas não somente – do campo relacional micropolítico. Nessa ótica, se destaca o encontro com o outro e suas tensões, no qual o cotidiano da escola e o fazer do professor aparecem como aspectos centrais.

Como os trabalhos descreveram suas metodologias?

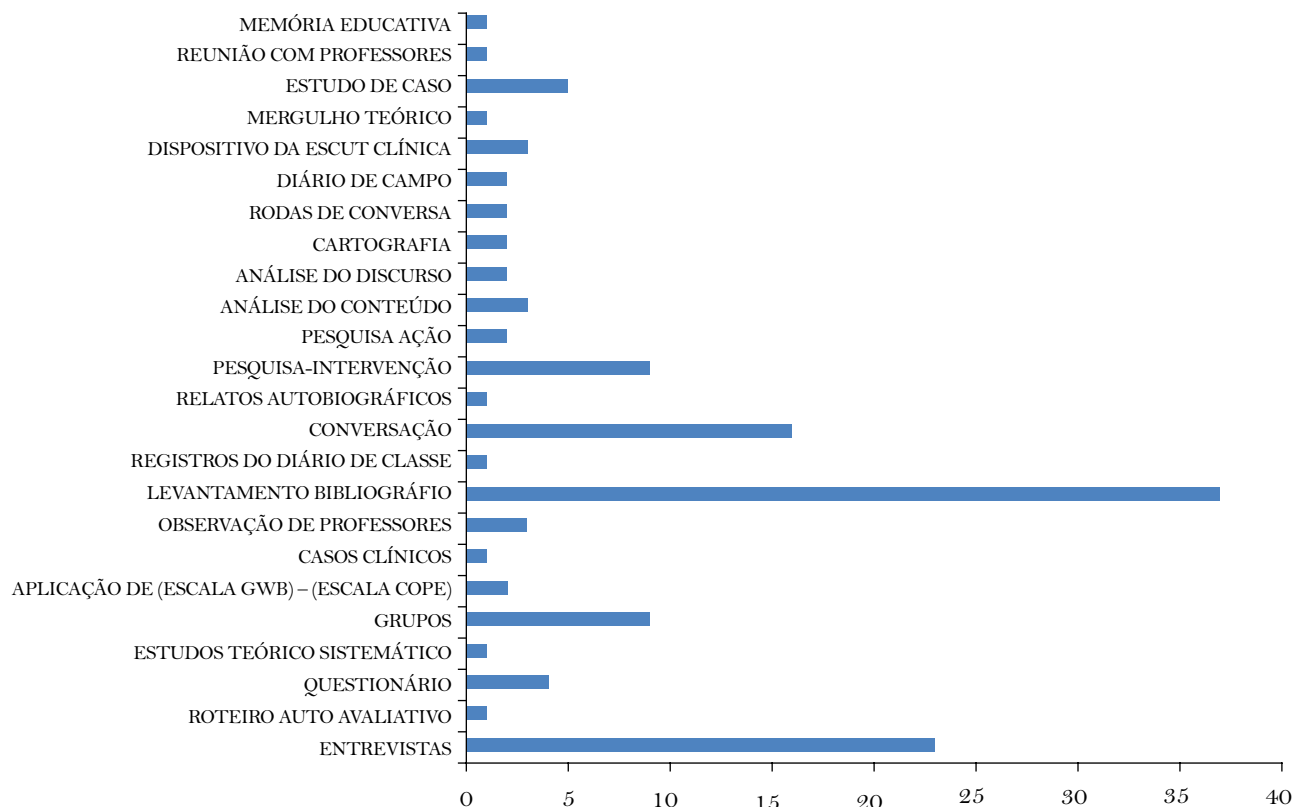
Dentre as metodologias mais referidas no conjunto das obras pesquisadas, encontram-se o levantamento bibliográfico com 37 utilizações, seguido pelas metodologias de pesquisa-intervenção (prevalecendo como subespecificidade neste grupo a conversação, com 16 referências) e a entrevista. Outras metodologias são apontadas, porém com menos expressividade: estudo de caso, questionário, grupos focais, cartografia, entre outros. O levantamento bibliográfico, por consistir em uma etapa prévia de qualquer classe de pesquisa científica, foi mais referido. Ressaltamos, no entanto, que ele também foi articulado à ida a campo, portanto não se referiu estritamente às pesquisas teóricas. Dentre os 138 materiais analisados, 80 apresentavam pesquisa de campo. Este dado, mais da metade da produção, pode apontar que pesquisas que relacionam a psicanálise e o mal-estar dos professores estão compreendendo que ir a campo é o melhor caminho para o entendimento do que se passa no contexto. Além disso, neste universo, notamos que prevalecem aquelas que objetivam ouvir os participantes, buscando geralmente dar voz a esses professores. Nas pesquisas que visaram intervenção, ou seja, algum tipo de modificação no campo pesquisado, encontramos aquilo que poderíamos denominar de atitude ou orientação clínica, onde as intervenções eram feitas no sentido de levar o participante a refletir sobre os acontecimentos, geralmente, sua prática como professor. Segundo Pereira (2017, p. 73), a atitude de orientação clínica é uma metodologia na qual o pesquisador intervém “no sentido de levar o professor a refletir sobre sua prática, a compreender fenômenos, a destravar identificações, a pensar intervenções e a elaborar-se subjetivamente”. Baseando-se nos princípios que Freud (1996) denominou “recordar, repetir, elaborar”, Pereira (2017) deu à sua pesquisa um direcionamento clínico sem ser propriamente terapêutico, mas, antes, voltado para uma análise estritamente social, reflexiva e elaborativa do real. Aplica a escuta clínica no campo social, intervindo “nos lugares onde os sintomas contemporâneos são recolhidos” (p. 73). No trabalho *De que padecem os professores da educação básica?* (PEREIRA, 2017), 50 professores foram ouvidos. A pesquisa-intervenção foi entendida como um modo de investigação que teve por intenção trabalhar com os sujeitos e não sobre os sujeitos. Nesse mé-

todo, o objeto estudado é afetado pela entrada do pesquisador em campo, ocorrendo uma inter-relação entre os participantes e o pesquisador. A pesquisa-intervenção, na psicanálise, se constitui para além da pesquisa ação e da pesquisa participante, ao trabalhar com as singularidades. De forma distinta dos cientistas sociais que buscam grandes categorias sociais, a pesquisa intervenção, utilizada pela psicanálise, procura estar centrada nas singularidades encontradas nas falas, importando menos as consciências e as cronologias e mais repetições singulares e os silêncios que dão a conhecer justamente o que se tenta ocultar (PEREIRA, 2017).

Dentro da pesquisa interventiva, a conversação foi a ação mais referida. Como uma prática do psicanalista na globalização, seu objetivo final é recolocar a questão do sujeito no contexto social mais amplo, indo no sentido contrário de uma lógica de produção de respostas úteis, rápidas e eficazes e conseqüente diluição do subjetivo (LACADÉE, 1998). Nesse viés, a participação no grupo não deve ser obrigatória e, apesar de a circulação da fala se fazer entre muitos, o que se pretende alcançar é a particularidade de cada sujeito. A terceira metodologia mais utilizada, no período pesquisado, foi a entrevista. No caso específico de sua utilização pela psicanálise, a vantagem apontada foi a emergência de respostas espontâneas dadas pelo entrevistado que podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador, além de permitir a implicação do sujeito em sua fala. Nesse tipo de metodologia, os encontros entre o entrevistador e entrevistado ocorrem preferencialmente face a face e, mesmo no caso das entrevistas semiestruturadas, cada encontro deve ser compreendido como original e singular (LAKATOS, MARCONI, 2003; SOUZA, 2009). A entrevista semiestruturada possibilita ao entrevistado uma narrativa pessoal, ao mesmo tempo em que ele é solicitado a discorrer sobre a experiência que o entrevistador deseja. Por possuírem um roteiro central de perguntas, pretende-se que possam ser em certa medida comparáveis entre si (SILVA, 2011; MOURÃO, 2015).

No trabalho *Autoridade docente e vínculo educativo contemporâneo* (SILVA, 2011), por exemplo, foram realizadas três entrevistas com cada um dos cinco professores participantes, totalizando 15 entrevistas. O objetivo era ouvir sobre a autoridade no trabalho com adolescentes. Todas as entrevistas tiveram duração média de uma hora, foram gravadas e transcritas para análise. No Gráfico 3 apresentamos visualmente a distribuição das metodologias.

Gráfico 3 – Distribuição das metodologias.



Fonte: Elaboração dos autores (2019).

Para interpretarmos o Gráfico 3, precisamos atentar para alguns grandes entrecruzamentos. O primeiro deles, como já referido, é a combinatória de levantamento bibliográfico com outras metodologias. O segundo grande entrecruzamento é entre a pesquisa intervenção e suas derivativas, como a conversação e rodas de conversa, por exemplo. Nesse sentido, mais do que as quantidades absolutas, pretendemos mostrar a panorâmica das metodologias e suas principais tendências. Outro ponto importante é que fomos guiados pelas metodologias explicitadas nos materiais, ou seja, aquelas que foram diretamente citadas e/ou descritas pelos autores. Alguns resultados podem ser notados: o trabalho com grupos, ainda que usando diferentes metodologias, prevaleceu às propostas individuais. Outro ponto importante é visualizarmos que, em contexto expandido como articuladas à educação, as pesquisas em psicanálise se utilizam de metodologias muitas vezes oriundas de outros campos, o que aponta para a interdisciplinaridade, bem como indica uma certa criatividade na produção. Ou seja, as pesquisas brasileiras na área estão usando metodologias combinadas, nem sempre oriundas de seu próprio campo, adaptadas muitas vezes aos contextos específicos de sua realização. Essa espécie de “hibridismo” traz uma gama rica de diferenças e cria novas formas de compreensão da realidade, embora algumas vezes, tenda também a uma espécie de fragilidade metodológica.

Propostas de enfrentamento

Neste eixo da pesquisa objetivamos mapear o que os trabalhos apontavam como possíveis estratégias de enfrentamento para o mal-estar vivenciado pelos professores no cotidiano escolar. Na maioria dos artigos apareceu a importância de se considerar a singularidade/subjetividade do professor nos processos de formação, não se restringindo apenas ao conhecimento formal. Dentre estes trabalhos, nove estudos mencionaram a necessidade de dar espaço à palavra do professor, para que através disso se possa transformar o sofrimento em algo criativo, permitindo a abertura para novas perguntas e saídas para o mal-estar. Apontam que dessa forma o docente poderá implicar-se no seu fazer, apropriar-se de um saber, deslocando o eixo focado no aluno-problema. Essa condição favorece a transformação do estranhamento vivido diante do aluno, contornando-o. A circulação da palavra possibilitaria, assim, um deslocamento da queixa e da impotência, auxiliando os docentes a encontrar novos caminhos para a prática educativa. Para além dos artigos e indo nessa direção, 10 pesquisas, entre mestrado e doutorado, foram consideradas, elas mesmas, instrumento de intervenção e enfrentamento. Por exemplo, em *Diversidade e adversidades na escola: queixas e conflitos de professores frente à educação inclusiva* (PRIOSTE, 2006), *Sobre a criança problema e o mal-estar do professor* (MIRANDA, 2006) e *Sexualidade na educação infantil: impasses dos professores frente às questões das crianças* (CASAROTTI, 2009), podemos ler que, de certa forma, a travessia do mal-estar implica na criação de um espaço no qual o professor possa ser ouvido e, assim, escutar a si mesmo. Desse modo, a importância da palavra do professor apareceu relacionada ao campo da escuta, refletida sobretudo nos trabalhos onde a intervenção se dava num contexto de clínica ampliada. Escuta permitindo “confronto com sua própria palavra, ao invés de ficar fixado em verdades estagnadas [...] Que possa apropriar-se de seu trabalho e se questionar sobre o possível desse ‘impossível’ de ser educador” (GUIMARÃES, 2008, p. 5). A escuta foi relacionada a diferentes metodologias: conversação, rodas de conversa, grupos reflexivos, relatos escritos, memórias, registros da prática, estudos de caso, histórias de vida. Escuta que permita ao docente inscrever o sintoma no laço social, em vez de direcioná-lo à doença (PEREIRA, 2017). Alguns trabalhos apontam especificamente a importância do saber inconsciente, que também participa do ato educativo, mas que escapa ao controle por justamente não estar na esfera consciente e voluntária do professor. Esse saber foi referido como aquele que sustenta o desejo de ensinar e aprender.

Dessa forma, é possível perceber a importância de se considerar o desejo já na formação de professores, em um caminho formativo que considere a falta como motor do processo e o não controle absoluto como contingência necessária, em vez de o pensar como insucesso.

Nas pesquisas *Então eu caí no magistério: o mal-estar docente e a psicanálise* (LIMA, 2001); *Freud: da teoria psicanalítica à prática educacional* (PINTO, 1987); *Subjetividade e docência: uma abordagem psicanalítica do mal-estar docente* (PEPE, 2011), a estratégia de enfrentamento enaltecida seria a prática psicanalítica, seja ela uma terapêutica oferecida ao professor individualmente, seja no dispositivo escolar coletivamente, como rodas de conversa, por exemplo. O olhar do psicanalista, ao ver o professor como sujeito do inconsciente, auxiliaria na travessia do mal-estar por levar em conta o atravessamento inconsciente nas relações com os alunos, entre pares e com a instituição escola. Em cinco artigos apareceu como temática central a importância da compreensão por parte do professor do impossível que é próprio do processo educativo, ou seja, sobre a impossibilidade de total controle e domínio quando se trata de educar. É referida a necessidade de se conceber o ato de ensinar como “mais provisório do que absoluto, mais contingente do que necessário” (PEREIRA, 2008). Esses estudos apontam para o lugar de passagem, transitando entre o tudo e o nada saber. “A incompletude é a fraqueza e a força do professor” (FERREIRA, PEREIRA, 2012, p. 11). Indo no sentido da consideração do inconsciente e do impossível, Voltolini (2011) assinala a importância de substituir o ideal pelo possível, considerando o ato educativo. Refere a distância entre os resultados atingidos e os imaginados já no ponto de partida do processo. Lopes (1998) faz coro a essa visão, dizendo que a educação possível se relaciona com a queda do lugar da onipotência, para que o professor possa ocupar o lugar do “claudicante” (1998, p. 68). Sinaliza a importância de o professor encontrar a verdade relacionada ao seu desejo de saber. Assim, a transmissão também se valeria da apropriação, pelo professor, de sua própria condição de ignorância. Ao concordar com Cifali (1987), Pereira (1998) alerta para a importância de não disfarçar o conflito próprio da relação professor-aluno, aceitar o insucesso constitutivo, a falta que se presentifica no processo educativo. Refere a educação enquanto relacional, ou seja, envolve “[...] manipulação, sedução, infantilização, ajustes de conta com o passado de cada um e rejeição da responsabilidade pelo outro” (PEREIRA, 1998, p. 17). Diniz (1998) aponta a importância de a mulher professora interrogar-se diante de seu desejo:

trabalha por prazer, por obrigação ou por não ter outra saída? Isso contribuirá para o enfrentamento das limitações no contexto educativo. Para isso a autora também aponta para o espaço de escuta para enfrentar o mal-estar e ressignificar a prática pedagógica, construindo-a de forma criativa, possibilitando a transformação da angústia diante do impossível, sem cair na impotência. Se pudéssemos então indicar uma grande tendência, no material pesquisado, para aquilo que pode ser uma forma de enfrentamento do mal-estar na psicanálise, seria aquela que possibilita uma reconciliação do professor com certa impossibilidade profissional na educação. Isso significa dizer que as diferentes estratégias (fala e escuta, premissa do inconsciente e a aceitação de um controle apenas parcial, incremento na formação) concorreriam para uma espécie de aceitação do impossível de tudo saber e, portanto, o de tudo ensinar e, a partir daí, trabalhar com o que é possível. Algumas estratégias sugeridas não foram predominantes, no entanto merecem ser referidas, já que também indicam uma forma de fazer com o mal-estar. Além de pensar a importância de se considerar a falta e o impossível na formação de professores, como já mencionado, três estudos indicaram especificamente campos de conhecimento a aprofundar na formação docente. O incremento do conhecimento em tecnologia, a importância de um aprofundamento nas áreas da infância e adolescência e o aprofundamento sobre educação inclusiva. Ressalta-se, também, que quatro trabalhos não apresentaram nada que indicasse alguma proposta para lidar/enfrentar o mal-estar.

Considerações finais

Mesmo sendo uma teoria cuja origem se centrou, predominantemente, na clínica individual, a psicanálise, no Brasil, tem discutido também o contexto ampliado. Indo nessa direção, no quesito metodológico predominou o trabalho com grupos, quando comparado às abordagens individuais. As práticas de inclusão e a violência enfrentada pelos professores foram as temáticas mais relacionadas ao mal-estar, indicando que se tornam desafios pessoais e coletivos quando se pensa o ofício do professor. Como enfrentar esses desafios? A tendência observada no material analisado, no que se refere às possíveis formas de enfrentamento ante o mal-estar, foi aquela que permite ao professor a aceitação de certa impossibilidade própria da função educativa. As diversas estratégias mencionadas nos trabalhos, como a ampliação da formação, a possibilidade de falar e ser escutado, o argumento da existência do inconsciente e a condição de um domínio parcial sobre o fazer docente contribuiriam

para a aceitação da impossibilidade de tudo saber e, conseqüentemente, de tudo ensinar e, nessa perspectiva, apostar no que é possível.

Referências

ALMEIDA, R. C. A. *Loucos pela escola: o discurso do analista e a invenção de uma escola em movimento*. 2009. 139 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2009.

ANDRADE, E. Z. *Contribuições da psicanálise e da educação em direitos humanos para o enfrentamento do bullying escolar*. 2015. 97 fls. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2015.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2001.

CASAROTTI, M. H. B. *Sexualidade na educação infantil: impasses dos professores diante das questões das crianças*. 2009. 143 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2009.

CIFALI, M.; ENRIQUEZ, E.; CORNUT, J. *Les trois métiers impossibles*. Paris: Belles Lettres, 1987.

DINIZ, M. De que sofrem as mulheres professoras. In: LOPES, E. M. S. T. (Org.). *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1998. p. 194-223.

ESTEVE, J. M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo, SP: Universidade do Sagrado Coração, 1999.

EVANGELISTA, M. G. C. *A violência na escola como um sintoma do mal-estar juvenil e institucional na pós modernidade: a voz do(c)ente*. 2012. 150 fls. (Mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012.

DAVID, R. C. R. *Em busca da carta roubada: alguns aspectos relacionados ao mal-estar docente*. 2010. 164 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.

FERREIRA, M. B. C.; PEREIRA, M. R. O mal-estar docente na educação infantil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DO LEPSI, 9. 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2012.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-72, ago. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>

FONSÊCA, A. C. E. A. *Contribuições da psicanálise a uma leitura do mal-estar docente na rede municipal de ensino em Olinda*. 2009. 147 fls. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2009.

FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. (1937). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. 23).

_____. *O mal-estar na civilização*. (1930). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. 21).

GUIMARÃES, M. S. *A violência na escola pensada à luz da psicanálise: interseções entre as falas de professores e alunos no cotidiano de uma escola pública*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade) — Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. A. *Metodologia científica*. 2. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

LACADÉE, P. A autoridade da língua. *Almanaque On-line*, v. 3, n. 4, 1998.

LESSA, C. F. A angústia na escola: do suposto fracasso ao reconhecimento do desejo. In: COHEN, R. H. P. (Org). *Psicanalistas e educadores: tecendo laços*. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2009. p. 161-80.

LIMA, M. A. *Então, eu caí no magistério: o mal-estar docente e a psicanálise*. 2001. 150 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2001.

LOPES, E. M. T. Da sagrada missão pedagógica. In: LOPES, E. M. T. (Org.). *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1998. p. 71-106.

MIRANDA, M. P. *Sobre a “criança-problema” e o mal-estar do professor*. 2006. 199 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2006.

MOURÃO, E. C. *Mal-estar docente: estudo psicanalítico sobre os impasses docentes na era do chamado declínio da função paterna*. 2015. 173 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2015.

NEVES, M. Y. R. *Trabalho docente e saúde mental: a dor e a delícia de ser (torna-se) professora*. 1999. Tese (Doutorado em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

NOAL, I. *Manifestações do mal-estar docente na vida de professoras do ensino fundamental: um estudo de caso*. 2003. 203 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) —

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2003.

PAULO, T. S. *Violência na escola: relatos de professores em grupos clínicos de análise das práticas profissionais*. 2013. 183 fls. Tese (Especialização em Educação) — Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2013.

PEPE, A. L. *Subjetividade e docência: uma abordagem psicanalítica do mal estar docente*. 2011. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2011.

PEREIRA, M. R. *A impostura do mestre*. Belo Horizonte, MG: FinoTraço, 2008.

_____. De que hoje padecem os professores da educação básica? *Educar em Revista*, Curitiba, n. 64, p. 71-87, abr./jun. 2017. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.49815>

_____. *O avesso do modelo: bons professores e a psicanálise*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. O relacional e seu avesso na ação do bom professor. In: LOPES, E. M. S. T. (Org.). *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1998. p. 151-93.

PEREIRA, M. R. *A impostura do mestre*. Belo Horizonte, MG: FinoTraço, 2008.

PINTO, S. M. L. S. *Freud: da teoria psicanalítica à prática educacional*. 1987. 202 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 1987.

PUCOVSKI, K. P. G. F. *A inclusão escolar da criança autista: o aluno sujeito*. 2013. 130 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2013.

PRIOSTE, C. D. *Diversidade e adversidade na escola: queixas e conflitos de professores frente à educação inclusiva*. 2006. 83 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2006.

SOUZA, F. L. *Vicissitudes na constituição da identidade de gestão em gestores da educação profissional e tecnológica: um estudo exploratório*. 2009. 108 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

SILVA, G. M. *Autoridade docente e vínculo educativo contemporâneo*. 2011. 83 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2011.

VOLTOLINI, R. *Educação e psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2011.

ZACHARIAS, D. A. *Subjetividade e manifestações corporais: o caso da professora universitária*. 2002. 102 fls. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, 2002.

Submetido em: 12/06/2020

Aceito em: 22/12/2020

Sobre os autores

Cristiana Carneiro

Psicanalista e professora Associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-doutora Sorbonne - Paris Diderot (2018). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992), especialização em psicanálise pela Universidade Santa Úrsula (1997) mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997) doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Coordena o NIPIAC (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas). Coordena o GT Psicanálise e Educação da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia). Participa do grupo Psicanálise, Educação e Laço Social (LAPSE), do CLINP (Clínica Psicanalítica), RED INFEIES (Red Interuniversitária Internacional de Estudos e Investigações Psicanalíticas e Interdisciplinares em Infância e Instituições) e da RUEPSY (Rede Universitária Internacional de Estudos Psicanalíticos na Educação).

E-mail: cristianacarneiro13@gmail.com

Bety Ribeiro Corrêa

Psicopedagoga, associada a ABPp -RJ; mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (2019). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010) e especialização em Psicopedagogia pelo Instituto Superior de Educação Pró-Saber (2015). Atuou como psicopedagoga na clínica social do Instituto Superior de Educação Pró-Saber (2017-2020). Atua como orientadora do Grupo de Orientação Pedagógica (GOP) do curso de Pedagogia, instância do Complexo de Formação de Professores (UFRJ). Membro do grupo de pesquisa e extensão Formação de professores, infância, adolescência e mal estar na escolarização (UFRJ).

E-mail: bety.rib@gmail.com

Julia Vital

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: juh.vital@hotmail.com

Larissa Costa Beber Scherer

Psicanalista e Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014), possui especialização em Teoria Psicanalítica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2000) e graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992). Professora colaboradora do curso de especialização em Psicanálise com Crianças e Psicanálise e Saúde Mental do SEPAI - Universidade Cândido Mendes e professora colaboradora da Faculdade São Judas Tadeu (RJ). Membro do GT Psicanálise e Educação da ANPPEP. Professora assistente substituta da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 2016 a 2018 e professora da Pós graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Augusto Motta em 2015 e 2016. É analista membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Psicóloga educacional da Unidade Integrada Garriga de Menezes (RJ).

E-mail: larissascherer70@gmail.com

Lívia Silva Teixeira

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro(2020). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida (2015). Pós-graduação em Saúde Mental (2017) FAVENI. Pós-graduação em Teoria Psicanalítica e Prática Clínico-Institucional pela Universidade Veiga de Almeida (2018).

E-mail: liviateixeiramgbz@gmail.com

Luana Vieira de Almeida Silva Miceli

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019), graduação em Matemática pela Universidade do Grande Rio (2002) e Especialização em Gestão do Trabalho Pedagógico - Administração, Orientação e Supervisão Escolar pela Universidade do Grande Rio, UNIGRANRIO (2009).

E-mail: educadoraluana@hotmail.com

Paula Porto Barbosa

Estudante de graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: paulaportob@gmail.com

Roberta Duarte dos Santos

Possui graduação em Psicologia - Faculdades Integradas Maria Thereza (2004). Especialista em Psicanálise e Saúde Mental, Especialista em Psicologia jurídica ambas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: bertaduarte4@hotmail.com

Sara Vieira do Nascimento

Estudante de graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: sarinhavieiradn@gmail.com

Thaysa Silva dos Santos

Psicóloga e psicanalista. Mestre em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020). Graduada em psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2015). Membro do grupo de pesquisa e extensão formação de professores, infância adolescência e mal estar na escolarização. Também membro do grupo de pesquisa Corpo pulsional posto à prova pela escola: retratos sobre a medicalização do mal estar. E integrante do grupo de pesquisa Circulando e traçando laços e parcerias: atendimento para jovens autistas e psicóticos.

E-mail: thaysasantos.1991@gmail.com

Yara Porto de Paula Lima

Psicóloga e Bacharel em Psicologia pela UFJF. Especialista em Arte - Educação Infantil pela UFJF. Mestre pela Faculdade de Educação da UFJF.

E-mail: yaraportolima@yahoo.com.br